

UMA IGREJA EM XEQUE

A RENÚNCIA DE BENTO XVI DESNUDA OS PECADOS DE UM RESISTENTE PODER TERRENO E MEDIEVAL

POR GIANNI CARTA, DE ROMA



ÀS 16 HORAS da quinta-feira 28 badalaram em unísono os sinos de todas as basílicas romanas, sinal da partida de Joseph Ratzinger do Vaticano a Castel Gandolfo, residência papal de veraneio. Ratzinger cumprimentou alguns colaboradores e fez seu último pronunciamento para contemporâneos visivelmente emocionados. Caminhando apoiado em sua bengala rumo a um helicóptero que o levaria para o castelo 25 quilômetros ao sul do Vaticano, o primeiro papa a renunciar depois de seis séculos parecia, de fato, justificar as palavras pronunciadas no dia anterior para a costureira multidão apinhada na Praça São Pedro. Voltou a reiterar o motivo de sua abdicação: “Minhas forças diminuíram”.

Na quarta 27, fiéis do mundo inteiro presenciaram em massa a última audiência geral do ainda papa Bento XVI. Bandeiras, como de costume em momentos históricos, tremulavam, inclusive brasileiras. Quem estava na Praça São Pedro não podia deixar de se sentir como peregrino, tal se deu como



em abril de 2005, quando enfrentei uma fila de dez horas para lançar um repetido olhar para o féretro de João Paulo II. A diferença é que hoje o papa ainda estava em vida. Durante a celebração, uma saudação foi repetida em diversos idiomas, inclusive em português: “Damos graças a Deus orando continuamente”. Na quinta-feira, antes de deixar seus aposentos no Vaticano, o papa fiel aos tempos tuitou: “Coloquem Cristo no centro de vossas vidas”.

Como não poderia deixar de ser, deslumbra o cenário da Cidade Eterna com seus sinos a badalar, enquanto cidadãos percorriam o dia histórico. Para outros, até fiéis, pairava no ar a dúvida: por que o papa renunciou? Sim, ele estava “diminuído”, mas seu antecessor polonês, Karol Wojtyła, João Paulo II, não chegou ao seu último dia de vida debilitado pelo mal de Parkinson no Vaticano, faz quase oito anos? O que realmente levou o papa Bento XVI a renunciar?

De acordo com o diário de centro-esquerda *La Repubblica*, no dia 17 de dezembro de 2012, quando deitou os olhos sobre o dossiê elaborado por três cardeais octogenários incumbidos de dar continuidade ao chamado Caso VatiLeaks, o vazamento de documentos papais, Bento XVI tomou a decisão de renunciar. A história chocou ainda mais o Santo Padre provavelmente porque ele pensou que o VatiLeaks havia terminado com a condenação, em 6 de outubro, de seu mordomo Paolo Gabriele a um ano e meio de cadeia. O mordomo fugira com documentos pa-

ISTOCKPHOTOS, TZANNA FABI/ANP e OSSERVATORE ROMANO/ANP



A despedida do pontífice dos fiéis, de Papamóvel na Praça São Pedro apinhada, e dos cardeais *in camera caritatis*. E haja caridade...



pais para, alegava, defender os interesses do patrão. Aliviado, certamente pela não divulgação dos documentos, o papa concedeu-lhe a graça em dezembro.

O relatório de dois volumes de 300 páginas é no mínimo contundente. Em miúdos, baseia-se no não cumprimento de dois mandamentos, o sexto e o sétimo. O sexto, contra o adultério. E como esse ato não é realizável no mundo dos prelados, o termo seria eufemismo de pederastia. Por sua vez, o sétimo mandamento vale para casos de corrupção, e vários deles teriam sido aprovados pelos investigadores da comissão de três cardeais, liderados pelo espanhol Julián Herranz. Os outros dois, responsáveis pela operação realizada entre abril e dezembro do ano passado, são o italiano Salvatore De Giorgi e o eslovaco Jozef Tomko. Não cobriram o espectro do escândalo por completo. Cabe também no enredo a atividade criminosa do Instituto para as Obras de Religião (IOR), o Banco do Vaticano. E ainda cabem os casos escamoteados de pedofilia.

Uma das questões mais prementes é esta precisamente. No início desta semana, o cardeal Keith O'Brien, escocês, renunciou ao ser acusado de ter mantido "relações inapropriadas" com padres mais jovens nos anos 1980. O Reino Unido ficou, assim, sem um representante entre os 117 cardeais a votar no Conclave que deverá começar, caso todos estejam presentes, na segunda-feira 4. Embora nada tenha sido provado contra O'Brien, o fato de ter renunciado demonstra a necessidade de organizar a sua defesa. O prelado alega que quer tirar o foco sobre sua pessoa no Conclave. No entanto, há tantos outros casos a envolver prelados ligados no acobertamento de casos de pedofilia, a ponto de suscitar a dúvida, de muitos fiéis até: cardeais têm credibilidade para votar.

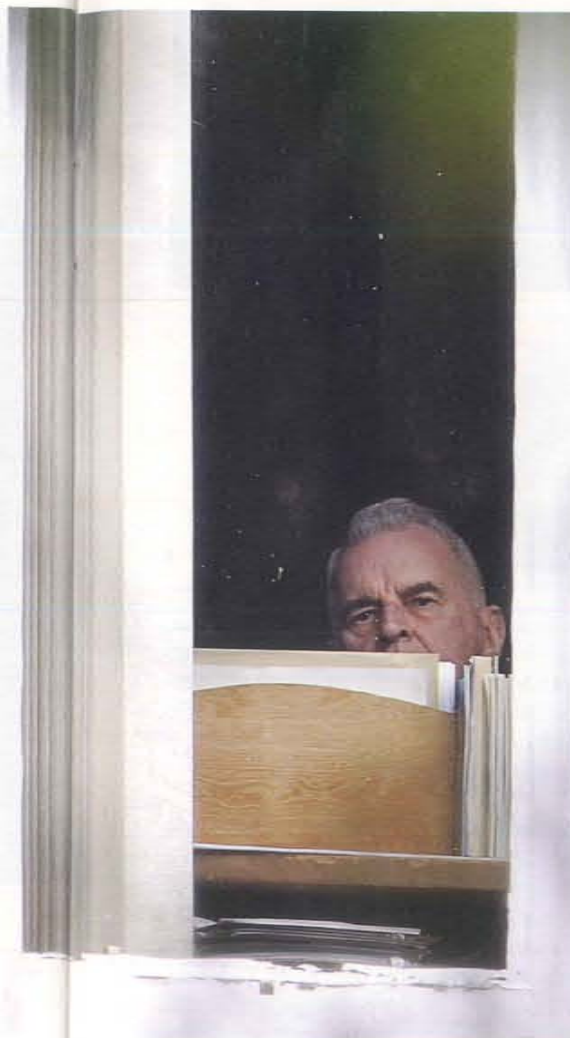
Terrence Tilley, presidente do Departamento de Teologia da Fordham University, de Nova York, disse a *CartaCapital* (leia entrevista): "Um cardeal é obrigado a ser eleitor papal, a menos que tenha uma boa razão na sua consciência para não exercer a função". Perguntado se o cardeal norte-americano Roger Mahony, que escamoteou o abuso sexual de centenas de sacerdotes, pode votar, Tilley retruca: "Mahony claramente minimizou os escândalos de



abuso sexual por eclesiásticos, mas ele nunca foi acusado criminalmente. Não tenho fatos concretos contra ele e, portanto, não posso opinar".

Mas o fato de ele ter acobertado o abuso sexual de centenas de sacerdotes a supostamente abusar de mais de 120 menores, não deveria levar um simples mortal, e nem falemos de um prelado, a perceber sua inadequação como eleitor do papa? Diz Tilley: "Sim, em tese isso é verdade, mas por ora não tenho fatos contra ele e não posso julgá-lo, isso seria desonesto de minha parte".

De fato, não existem acusações criminais contra Mahony. Segundo a agência noticiosa italiana Ansa, se o cardeal emérito viajar para Roma, um grupo italiano solicitará uma investigação contra ele pelo Ministério Público. Mahony afirma não passar de bode expiatório. Há outros casos de prelados a proteger colegas de casos de abuso sexual, entre eles Sean Brady, na Irlanda, Justin Rigali e Timothy Dolan, nos EUA. A lista é longa, mas Marco Scarpati, do Ecpat-Itália, ONG que luta contra a prostituição de menores, a pornografia e o tráfico,



declara a *CartaCapital* que sob Ratzinger houve maior colaboração. "Claro que os casos de prelados com menores continuaram, mas nos sete anos sob Bento XVI, houve maior abertura entre a Igreja Católica e a investigação de casos de pedofilia, antes pairava o silêncio".

Scarpati elogia a encíclica de 2009 do papa Bento XVI *Caritas in Veritate*, na qual Ratzinger fala sobre "os comportamentos imorais perpetuados por turistas que abusam de menores de idade". Na Itália e no Brasil, "numerosos desses turistas, em grande parte católicos", podem tomar consciência do que estão fazendo. Por essas e outras, a encíclica de Ratzinger "foi fundamental".

No entanto, não nos esqueçamos de quem estamos falando. Ratzinger investiu contra o uso de contraceptivos em visita à África, continente que registra o mais alto índice de Aids do planeta. Segundo o

pontífice, a distribuição de preservativos agravaria a incidência da moléstia. Na África, diga-se, 11 milhões de indivíduos estão infectados, segundo dados de 2010. A jornalista alemã Sonja Zorki, do diário *Süddeutsche Zeitung*, constatou: "A Igreja julga mais importante que seus fiéis morram do que se protejam".

Sublinha Scarpati: "Cada organização que não aceita a sexualidade de seus integrantes os induz a um comportamento sexual escondido", diz o patrão do Ecpat. Portanto, Scarpati acredita "que a Igreja deveria admitir a sexualidade de padres, sacerdotes, frades, madres, porque a sexualidade é fundamental em cada um de nós". O problema, emenda, "é quando a Igreja confunde sexualidade com pecado".

Pecado, eis o problema da Igreja de Pedro. Baseado em entrevistas com dezenas de bispos, cardeais e leigos, uma série de sacerdotes da Santa Sé teria pecado ou,

Alguns pagam por ter encoberto casos de pedofilia. O americano Roger Mahony e o escocês Keith O'Brien. Mas há muitos outros...



Uma das imagens que reforçam o prestígio, poder e privilégio da casta clerical é o celibato. Acho impossível acreditar que viver uma vida de celibato é uma condição necessária para a ordenação de todos os sacerdotes.

CC: Acredita que o papa abdicou por causa das alegações de um lobby gay e corrupção na Igreja feitas com base em uma investigação para o Vaticano?

TT: Minha especulação sobre a abdicação do papa não é apoiada por fatos, como todas as outras especulações que aqui faço. O papa acumulou muito peso sobre seus ombros. Há o cansaço depois de sua viagem sul-americana, não pode viajar para fora da Europa, tem de desenvolver para evangelizar pessoas mundo afora, tem dificuldades para lidar com uma Cúria em desordem. Talvez um dos fatores sejam os escândalos sexuais e bancários levantados pelo tão comentado dossiê. Temos de levar em conta que as habilidades do papa não são administrativas,

mas acadêmicas. Diante de todos esses fatores esse homem de 85 anos preferiu renunciar.

CC: Especula-se que o próximo papa deve ser um italiano, que saberia lidar com mais destreza que um estrangeiro com a Cúria romana.

TT: Sucessores são sempre diferentes de seus antecessores. João XXIII era visto como impulsivo. Paulo VI foi indeciso. Não sabemos como teria sido João Paulo I, visto que logo morreu. Por sua vez, João Paulo II, em contraste com o indeciso Paulo VI, tinha uma personalidade decisiva de estrela midiática. Já Bento XVI, é um acadêmico. Portanto, o próximo papa terá de ter habilidades administrativas e pastorais. Especulo que ele será um italiano, ou alguém que realmente entenda a cultura curial.

CC: Bento XVI disse que o relatório preparado pelos cardeais será visto apenas por ele e pelo o próximo papa. Não lhe parece que

o próximo papa deveria revelar ao público o escandaloso conteúdo que o diário La Repubblica diz constar do dossiê?

TT: Chocou-me o fato de não haver citações no artigo sobre o relatório publicado pelo La Repubblica. Havia insinuações e nada de fontes. Nos Estados Unidos, se você quiser provar algo, é preciso publicar o texto, ou até mesmo uma cópia do texto original. Mas talvez o artigo seja fidedigno. Por outro lado, deve o conteúdo desse dossiê ser revelado? Deve.

CC: Qual é o impacto das recentes alegações – ou outros, tais como os casos de pedofilia nos EUA – nos católicos mundo afora?

TT: A hierarquia perdeu muita credibilidade. As recentes revelações afetaram a lealdade à Igreja Católica por parte de fiéis nos Estados Unidos e em grande parte da Europa. Para a população católica permanecer fiel e praticante, é preciso fortalecer igrejas locais, ou seja, as paróquias. O que resta é a paróquia local.

O futuro Terrence Tilley, mestre em teologia, prevê um papa conhecedor "da cultura curial" e provavelmente italiano



Terrence Tilley, presidente do Departamento de Teologia da Fordham University, em Nova York, diz que sua previsão sobre a nacionalidade do novo papa é mera especulação. Tilley não é homem de meias palavras e tem conhecimentos para opinar. Bento XVI era um acadêmico sem habilidades administrativas e, portanto, o próximo papa será um italiano, ou alguém "que realmente compreenda a cultura curial". A Cúria romana, em plena "desordem", segundo Tilley, é o núcleo administrativo do Vaticano.

CartaCapital: No contexto uma reforma da Igreja Católica parece fundamental.

TT: É absolutamente necessário dismantlar a casta clerical. Isso não quer dizer que a Igreja Católica seja uma organização pior que outras. Os escândalos de pedofilia podem ser encontrados em outros meios. É claro, a Igreja Católica tem de lidar com esse sério problema. Mas igualmente grave é o fato de a Igreja proteger eclesiásticos envolvidos em casos de pedofilia. E assim a Igreja Católica não tem autoridade para lidar com agressores.

CC: O senhor crê no fim do celibato para pôr fim aos escândalos sexuais?

TT: O celibato clerical obrigatório é uma inovação do século XIII. Antes, sacerdotes podiam casar em diversos lugares. Outros padres não o faziam.

GABRIEL BOLYS/AFP, ANDY BUCHANAN/AFP e GIANNI CARLA



O IOR, o Banco do Vaticano, esconde um passado de conexões e crimes com a própria Máfia

Enésimo escândalo Bertone queria Gotti Tedeschi (abaixo, a dir.) fora do banco porque este pretendia acabar com a bandalheira. O cardeal contou com a ajuda de Marco Simeon (acima à dir.). Há quem diga que Marco é seu filho

caso esse dossiê seja divulgado pelo próximo papa (medida que Ratzinger já desaconselhou), cometido delitos, em alguns casos passíveis de anos de cadeia. Segundo a *La Repubblica*, os cardeais teriam revelado que prelados frequentavam villas, saunas e até um aposento do Vaticano, este usado por um arcebispo italiano com seus amantes.

O relato do *La Repubblica* por vezes pode deixar o leitor perplexo. Por exemplo, diz que esta foi a primeira vez que a palavra "homossexualidade" foi pronunciada nos aposentos de Bento XVI. No entanto, casos de homossexualidade não são novidade no Vaticano e é difícil que o termo nunca tenha sido citado pelo papa. Para lembrar apenas um caso, Angelo Balducci, a integrar os chamados Cavaleiros de Sua Santidade, não foi afastado do cargo em 2010 porque tinha várias relações com homens, inclusive com o nigeriano Chinedu Thomas Ethiem, cantor de capela da Basílica de São

Pedro? Bento XVI, diga-se, não permitia gays ativos nos seminários.

Casos de corrupção no dossiê dos cardeais também parecem endêmicos, inclusive no IOR, o Banco do Vaticano. Ettore Gotti Tedeschi, ex-presidente do IOR, foi despedido abruptamente em maio de 2011. Seu pecado: tentava, havia mais de dois anos, limpar as finanças da Igreja. Ou por outra, acabar com a lavagem de dinheiro, inclusive mafioso. A tarefa era no mínimo árdua. O Banco do Vaticano esconde um passado nebuloso de conexões e crimes com a Máfia, e, por tabela, de lavagem de dinheiro de várias origens. "Gotti Tedeschi fez um bom trabalho", sublinha Riccardo Amati, ex-diretor da tevê Bloomberg em Londres, e atualmente analista político na Itália.

No entanto, havia um problema. O banqueiro Gotti Tedeschi, integrante do Opus Dei, era homem de Bento XVI. E, entre as várias polêmicas no Vaticano, existem as lutas de bastidor. O cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado do

Vaticano, e inimigo íntimo de Ratzinger, queria ver-se livre de Gotti Tedeschi. Cujo grande tropeço foi não ter salvado da bancarrota o hospital de um amigo de Silvio Berlusconi, muito próximo de Bertone, e, em outros tempos, de Ratzinger.

Bertone chamou então um jovem diretor da tevê estatal para ajudá-lo, Marco Simeon. Há quem diga abertamente que Simeon é filho de Bertone. O jovem de 33 anos nega. Consta que o ambíguo Marco montou a armadilha para Gotti Tedeschi. Surgiu em cena um psicólogo, que jamais tivera contato com o banqueiro, para denunciá-lo como desviado indivíduo disposto a revelar os nomes dos escondidos atrás das contas numeradas do IOR. Bertone ganhou a parada, embora Simeon tenha perdido seu cargo na RAI.

No meio-tempo, o então papa agiu. Colocou na direção do Banco do Vaticano um alemão, o barão Von Freyberg. Havia, diga-se, nove meses de vacância no posto de banqueiro de Deus. O novo diretor é cavaleiro da poderosa Ordem de Malta, fundada em 1048. Advogado, fala quatro línguas, dedica-se a uma instituição de caridade e é um dos dirigentes de uma empresa que fabrica fragatas de guerra. Enquanto o renunciante se vai e deixa às costas uma montanha de escombros, o Conclave está às portas e as previsões do desfecho soam, apesar de tudo, muito arriscadas. Há quem diga que o futuro pontífice será italiano e aposte no ultraconservador Scola, arcebispo de Milão. Por ora, qualquer vaticínio é prematuro. O tamanho do estrago impede maiores incursões pelos palpites. ●

As margens ingovernáveis do Tibre

AS DUAS MARGENS do lendário Rio Tibre (Tevere) apresentam-se, no momento, ingovernáveis. Numa delas, onde está instalado o soberano Estado do Vaticano, o monarca Ratzinger renunciou. Isso em razão da luta intestina pelo poder entre grupos de clérigos purpurados e por faltar a ele energia para governar e se manter no trono petrino. Do outro lado do rio, o italiano Partido Democrático e os seus coligados ganharam as eleições, mas, por falta de maioria no Senado, não poderão governar sem alianças. Caso venham a ser celebradas, representarão, usada uma conhecida gíria política italiana tirada do dialeto napolitano, um *inciucio*, ou seja, acordo entre forças ideológicas contrapostas. E o grande derrotado, o premier Mario Monti, recebeu apoio dos clérigos do lado de lá do Tevere, apesar da sua política recessiva, geradora de desemprego.

Com efeito, não dá para imaginar um acordo dos democratas com o partido de Berlusconi, que quebrou financeiramente o país, ou com o movimento do populista Beppe Grillo, desejoso de novas eleições para chegar mais rápido ao poder. Parênteses: Grillo, que desinformados brasileiros pensam se tratar de um Tiririca.

Do lado da margem vaticana, prepara-se um conclave, a justificar o próprio étimo de "fechado a chaves". Pela constituição apostólica *Universi Dominici Gregis*, de fevereiro de 1996 e feita por João Paulo II para reger as eleições, na hipótese de *sede vacante*, abandonou-se uma regra vigorante desde 1179. Até a modificação por Karol Wojtyła, exigia-se maioria de dois terços dos votos para o papa ser eleito. O fim da regra beneficiou Ratzinger, que, como revela a crônica, não conseguiria os dois terços. Mesmo sendo o "delfim" de Wojtyła.

Wojtyła, como escreveu Corrado Augias do jornal *La Repubblica*, "temia o risco de uma minoria em bloco (com 34% dos votos ou mais) poder travar o conclave por tempo indeterminado". Essa modificação apostólico-constitucional estabeleceu, uma vez passados 13 dias do conclave e sem solução, o seu prosseguimento. Então, a maioria absoluta dos cardeais (51%) decidiria como se daria a eleição: maioria simples ou segundo turno, com os dois mais votados.

Depois de eleito, Bento XVI, por *motu proprio*, fez voltar a maioria dos dois terços. Mais ainda, ocorrendo indefinição após 13 dias, passa-se para o segundo turno e a ser disputado pelos dois mais votados, mantidos os dois terços para o encargo. Com tanto regramento, o Espírito Santo ficará só nos discursos.

No momento, não há favoritos e os *bookmakers*, que operam as apostas fora dos Muros Leoninos construídos para proteger a

Colina Vaticana por volta do ano 842 pelo papa Leão IV, aceitam qualquer aposta. O cardeal Tarcisio Bertone, que comanda a Cúria e ocupa o cargo de camerlengo durante a vacância do trono, acusou, num ato irrefletido bem ao seu feitio, a mídia de querer eleger o papa na base da pressão e revelações de fatos inverídicos.

Ora, em tempos remotos até o povo participava da escolha para, depois, imperadores influenciarem e, por fim, só cardeais. E não se deve olvidar o período de pornocracia, com a princesa toscana Marózia, cuja mãe era amante do papa João X e ela, aos 15 anos, virou concubina do pontífice Sérgio III: da relação amorosa nasceu um filho que Marózia elegeu papa, de nome João XI.

A mídia, na verdade, não pressiona pela eleição de um certo e determinado papa. Apenas limitou-se a lembrar o VatiLeaks e a relacionar os cardeais, convocados a votar (o voto é obrigatório), acusados de, tempos atrás, acobertarem casos de pedofilia. Um deles, o cardeal primaz da Escócia, Keith O'Brien, apresentou e foi aceita pelo papa a sua justificativa para não participar do conclave: ele é acusado de três assédios sexuais quando diretor espiritual do St. Andrew's College. Um dos assediados, que era padre, largou a batina em protesto à nomeação de O'Brien a cardeal, por ato do papa João Paulo II. O escândalo de pedofilia veio à luz em 2002, quando o cardeal Bernard Law, arcebispo de Boston (EUA), se demitiu por dar cobertura a padres pedófilos.

Outro purpurado que ocupou as manchetes e foi alvo de manifestações para renunciar, em iniciativa da organização Catholics United e da revista semanal *Família Cristã*, foi Roger Mahony, arcebispo emérito de Los Angeles e atualmente na geladeira, sem funções eclesíásticas. Segundo o noticiário, Mahony, que já está no Vaticano e se diz pronto para votar, determinou que padres pedófilos, depois de conhecidos os escândalos, sejam submetidos a tratamento médico. Mas tratamento fora de Los Angeles e para evitar que os médicos, em face da obrigatoriedade da lei em Los Angeles, realizassem notificação para ciência das autoridades da repressão criminal.

Os escândalos ocorridos nos EUA, segundo vaticanistas, inviabilizam a eleição de qualquer dos 11 cardeais norte-americanos que participarão do conclave. Só serão eleitos, pelo jeito, se o Espírito Santo quiser. ●



De um lado, o governo italiano pena para formar maioria. De outro, um Vaticano envolto em disputa intestina